

Se alguma vez formos visitados por extraterrestres, julgo que o resultado será muito parecido com o da chegada de Cristóvão Colombo à América, que não acabou lá muito bem para os ameríndios.

*Stephen Hawking*

## ÍNDICE

Intrusão: 1995 .....	17
I – A Última Historiadora .....	19
II – O País das Maravilhas .....	103
III – Silenciador .....	127
IV – Efémera .....	137
V – A Triagem .....	167
VI – O Barro Humano .....	191
VII – A Coragem de Matar .....	235
VIII – O Espírito de Vingança .....	251
IX – Uma Flor à Chuva .....	289
X – Mil Maneiras .....	341
XI – O Mar Infinito .....	351
XII – Por Causa do Kistner .....	359
XIII – O Buraco Negro .....	365
Agradecimentos .....	395

A 1.<sup>A</sup> VAGA: *Luzes Apagadas*

A 2.<sup>A</sup> VAGA: *Ondas Altas*

A 3.<sup>A</sup> VAGA: *Pestilência*

A 4.<sup>A</sup> VAGA: *Silenciador*

A 5.<sup>A</sup> VAGA

## INTRUSÃO: 1995

Não haverá acordar.

A mulher adormecida não vai sentir nada na manhã seguinte, apenas uma inquietação vaga e a teimosa sensação de que está a ser vigiada. A ansiedade desaparecerá em menos de um dia e depressa será esquecida.

Mas a memória do sonho irá manter-se por mais algum tempo.

No sonho dela, uma coruja grande está pousada do lado de fora da janela, a olhá-la fixamente através do vidro com os seus enormes olhos orlados de branco.

A mulher não vai acordar, nem o marido, que está ao seu lado. A sombra que os cobriu não lhes vai perturbar o sono. E aquilo que fez a sombra vir – o bebé dentro da mulher adormecida – não vai sentir nada. A intrusão não deixa feridas, não viola uma única célula do corpo da mãe ou do corpo do bebé.

Tudo termina em menos de um minuto. A sombra vai-se embora.

Agora só ali estão o homem, a mulher, o bebé dentro dela e o intruso dentro do bebé, todos a dormir.

A mulher e o homem vão acordar de manhã e o bebé daqui a alguns meses, quando nascer.

O intruso dentro dele vai ficar a dormir e só acordará anos mais tarde, quando a inquietação da mãe e a memória do sonho já tiverem desaparecido há muito.

Daqui a cinco anos, numa visita ao jardim zoológico com o filho, a mulher vai ver uma coruja igual à do sonho. Por razões que não conseguirá entender, ver a coruja será perturbante.

Não é a primeira a sonhar com corujas no escuro.

E não vai ser a última.

I

A ÚLTIMA  
HISTORIADORA

# 1

Os extraterrestres são estúpidos.

Não estou a falar dos verdadeiros. Os Outros não são estúpidos. Os Outros estão tão à nossa frente que é como comparar o ser humano mais burro ao cão mais esperto. Não há comparação possível.

Não, estou a falar dos extraterrestres dentro das nossas cabeças.

Aqueles que inventámos, aqueles que andamos a inventar desde que percebemos que aquelas luzes brilhantes no céu eram sóis como o nosso e que provavelmente tinham planetas como o nosso a girar à sua volta. Os extraterrestres que imaginamos, estão a ver? Os daquele tipo que *gostaríamos* que nos atacasse, os extraterrestres humanos. Já os viram um milhão de vezes. Descem do céu nos seus discos voadores para arrasarem Nova Iorque, Tóquio e Londres, ou então avançam pelos campos adentro em máquinas gigantes que parecem aranhas mecânicas, a dispararem raios *laser*, e nessa altura a humanidade põe sempre, sempre, as suas diferenças de lado e une-se toda para derrotar a horda de extraterrestres. David mata Golias e toda a gente (menos Golias) vai para casa toda contente.

Grande treta.

É como uma barata a arranjar um plano para derrotar o sapato que está a descer para a esmagar.

Não há como ter a certeza, mas aposto que os Outros já sabiam dos extraterrestres humanos que tínhamos imaginado. E aposto que acharam um piadão. Devem ter rido até lhes doer a barriga. Isto se tiverem sentido de humor... ou barriga. Devem ter-se rido como nós

nos rimos quando um cão faz qualquer coisa muito gira e patusca. *Oh, aqueles humanos são tão giros e patuscos! Acham que nós pensamos como eles! Não são tão fofos?*

Esqueçam os discos voadores, os homenzinhos verdes e as aranhas mecânicas gigantes a cuspirem raios *laser*. Esqueçam batalhas épicas com tanques de guerra e caças e a vitória final dos humanos — renhidos, indômitos e corajosos — sobre os invasores de olhos salientes. Isso está tão longe da verdade quanto o seu planeta moribundo estava do nosso, ainda bem vivo.

A verdade é que, mal eles nos encontraram, ficámos lixados.

## 2

Às vezes acho que devo ser a última humana na Terra.

O que quer dizer que sou a última humana no universo.

Eu sei que isto é uma estupidez. Eles não podem ter matado toda a gente... ainda. Mas imagino que isso possa acabar por acontecer. E depois penso que é isso exatamente o que os Outros querem que eu imagine.

Lembram-se dos dinossauros? Ora aí está.

Portanto, provavelmente não sou o último ser humano na Terra, mas sou um dos últimos. Estou completamente sozinha e é provável que continue assim até a Quarta Vaga chegar e acabar comigo.

Esse é um dos meus pensamentos à noite. Aqueles pensamentos às três da manhã, sabem?, aqueles do tipo: Oh, meu Deus, estou feita. Aqueles quando me deito toda encolhida, tão assustada que não consigo fechar os olhos, com um medo tão grande que tenho de me lembrar para respirar e tenho de dizer ao meu coração para continuar a bater. Aqueles quando o meu cérebro avaria e começa a saltar como um CD riscado: *Sozinha, sozinha, sozinha, Cassie, estás sozinha.*

É esse o meu nome. Cassie.

Não é diminutivo de Cassandra. Nem de Cassidy. Vem de Cassiopeia, a constelação, a rainha amarrada à sua cadeira no céu do Norte, que era muito bela mas também vaidosa, e então foi posta no céu por Posídon, o rei dos mares, como castigo por se armar em boa. Em grego, o seu nome quer dizer: «Aquela cujas palavras se distinguem.»

Os meus pais não conheciam esse mito. Acharam o nome bonito, apenas isso.



Mesmo quando havia gente à minha volta para me chamar alguma coisa, nunca ninguém me chamava Cassiopeia. Apenas o meu pai, mas só quando queria picar-me e sempre num péssimo sotaque italiano: *Cá-sio-pêêê-a*. Eu passava-me. Não lhe achava piadinha nenhuma; aquilo só me fazia odiar o meu nome. «Eu chamo-me Cassie!», gritava-lhe. «Só Cassie!» Mas agora dava tudo para o ouvir dizer aquilo só mais uma vez.

Quando fiz doze anos — quatro anos antes da Chegada —, o meu pai ofereceu-me um telescópio. Numa noite de outono sem nuvens, montou-o no pátio e mostrou-me a constelação.

— Vês como parece um «W»? — perguntou-me.

— Se parece um «W», porque é que lhe chamaram Cassiopeia? — disse eu. — O «W» quer dizer o quê?

— Bem... não sei se quer dizer alguma coisa — respondeu ele a sorrir. A minha mãe costumava dizer-lhe que era o seu melhor atributo e por isso ele estava sempre a usá-lo, sobretudo depois que começou a ficar careca. Para fazer os outros desviarem os olhos dali de cima, percebem? — Por isso, pode querer dizer o que quiseres! — Pousou uma mão no meu ombro enquanto eu, de olhos franzidos, espreitava pela lente para ver aquelas cinco estrelas que brilhavam a mais de cinquenta anos-luz do lugar onde estávamos. Sentia a respiração do meu pai na minha cara, quente e húmida por causa do ar frio e seco do outono. A respiração dele tão perto, as estrelas de Cassiopeia tão longe.

Agora as estrelas parecem estar muito mais perto. Mais perto do que os quinhentos biliões de quilómetros que nos separam. Tão perto que se pode tocar-lhes, que eu lhes posso tocar, que elas me podem tocar a mim. Estão tão perto como a respiração do meu pai esteve antes.

Soa a maluquice. Será que estou maluca? Será que perdi o juízo? Só se pode dizer que alguém é maluco se houver outra pessoa que é normal. É como o bem e o mal. Se tudo fosse bom, então nada era bom.

Eh lá. Isso soa... bem, a maluquice.

Ser maluco: o normal agora é isso.

Acho que posso dizer que sou maluca, visto que há uma outra pessoa a quem me posso comparar: eu. Não o meu «eu» de agora, aquele que está a tremer numa tenda bem escondida na floresta, com tanto medo que nem consegue espreitar do saco-cama. Não esta Cassie. Não, estou a falar da Cassie que eu era antes da Chegada, antes de os Outros estacionarem os seus cus extraterrestres na nossa órbita. O meu «eu» com doze anos, cujos maiores problemas eram as sardas

minúsculas no nariz, o cabelo aos caracóis que não se conseguia pentear e o rapaz giro que a via todos os dias mas que não sabia que ela existia. A Cassie que começava a conformar-se com o doloroso facto de não ser nada de especial — na aparência, nos estudos ou nos desportos, como o caratê e o futebol. Basicamente, tudo o que ela tinha de especial era o nome esquisito — Cassie, de Cassiopeia, embora ninguém soubesse que o nome vinha daí — e conseguir tocar no nariz com a ponta da língua, uma habilidade que, quando ela chegou ao liceu, depressa perdeu a piada.

Pelos parâmetros dessa Cassie, provavelmente sou maluca.

Pelos meus, ela é de certeza. Às vezes grito com ela, com essa Cassie de doze anos que andava sempre de trombas por causa do cabelo, do nome esquisito ou de não ser nada de especial. «O que é que tu estás a fazer?!», berro-lhe. «Não sabes o que aí vem?!»

Mas isso não é justo. O facto é que essa Cassie não sabia nem tinha como saber, e isso foi a sua salvação, e é também o motivo por que tenho tantas saudades dela — mais do que de qualquer outra pessoa, para dizer a verdade. Quando choro — quando me permito chorar —, é por ela que choro. Não choro por mim. Choro por essa Cassie, que desapareceu.

E pergunto-me o que pensaria essa Cassie de mim.

Desta Cassie que mata.

### 3

Ele não devia ser muito mais velho do que eu. Dezoito anos. Talvez dezanove. Mas, fogo, sei lá eu se ele não tinha mas era *setecentos* e dezanove! Já passaram cinco meses e ainda não tenho a certeza se a Quarta Vaga é humana ou alguma espécie de híbrido, ou então os próprios Outros, embora não me agrada pensar que os Outros são iguais a nós, que falam como nós e que sangram como nós. Gosto de pensar nos Outros como sendo... enfim, outra coisa.

Eu estava na minha expedição semanal para arranjar água. Há um riacho não muito longe do meu acampamento, mas tenho medo de que esteja contaminado — por químicos, por esgotos ou talvez por um cadáver ou dois mais acima na corrente. Ou então pode ter sido envenenado. Privar-nos de água limpa seria uma ótima maneira de acabar depressa connosco.

Por isso, uma vez por semana meto ao ombro a minha leal M16 e saio da floresta para a interestadual. Três quilômetros para sul, logo depois da Saída 175, há duas bombas de gasolina com lojas de conveniência. Junto todas as garrafas de água que sou capaz de carregar — não são assim muitas, porque a água é pesada —, volto para a interestadual e daí para a relativa segurança das árvores o mais depressa possível, antes que seja noite escura. O anoitecer é a melhor altura para sair. Nunca vi um *drone* ao anoitecer. Vi três ou quatro durante o dia e muitos à noite, mas nunca ao anoitecer.

Mal passei a porta estilhaçada da bomba de gasolina, percebi que alguma coisa estava diferente. Não *vi* nenhuma diferença — a loja estava exatamente como há uma semana, com as paredes cheias de *graffiti*, as prateleiras derrubadas, o chão todo cheio de caixas vazias e de caca de rato espezinhada, as caixas registadoras abertas e os frigoríficos das bebidas vazios. Era a mesma confusão nojenta e malcheirosa que eu vinha atravessando semanalmente há já um mês, para chegar ao armazém por detrás dos frigoríficos. Não percebia porque é que as pessoas tinham levado a cerveja e os refrigerantes, o dinheiro das caixas registadoras e do cofre e as lotarias, e deixado ali duas paletes de garrafas de água. Qual teria sido a ideia delas? *É o apocalipse dos extraterrestres! Depressa, agarrem na cerveja!*

Encontrei a mesma lixarada, o mesmo pivete dos ratos e da comida apodrecida, os mesmos remoinhos de pó que de vez em quando se viam sob a luz fraca que entrava pelas janelas sujas, cada coisa desarumada no lugar do costume, intacta.

Mas...

Alguma coisa mudara.

Estava parada naquele pequeno círculo de cacos de vidro logo à entrada da loja. Não vi nada. Não ouvi nada. Não cheirei nem senti nada. Mas soube.

Alguma coisa mudara.

Há já muito tempo que os humanos não eram a presa. Talvez há uns cem mil anos. Mas a memória continua lá, bem no fundo dos nossos genes — a atenção da gazela, o instinto do antílope. O vento sussurra-nos por entre a relva. Uma sombra desloca-se pelo meio das árvores. E então ouvimos uma vozinha a dizer: *Chiu, já está perto. Muito perto.*

Não me lembro de puxar a M16 do ombro. Um minuto antes tinha-a pendurada às costas, no seguinte já estava nas minhas mãos, destravada e a apontar para baixo.

*Muito perto.*

Nunca tinha disparado contra nada maior do que um coelho, e isso foi um género de experiência, para ver se era capaz de usar aquela coisa sem rebentar com alguma parte do meu corpo. Uma vez disparei por cima das cabeças de uma matilha de cães selvagens que estavam demasiado interessados no meu acampamento. Doutra vez foi quase na vertical, quando vi aquela ameaçadora manchinha de luz esverdeada que era a nave-mãe deles a avançar silenciosamente com a Via Láctea em fundo. OK, admito que isso foi uma estupidez. Mais valia ter-lhes mostrado um cartaz com uma grande seta a apontar para a minha cabeça e a dizer: IU-HUU, ESTOU AQUI!

Depois da experiência do coelho — coitado do bicho, ficou feito aos bocados; o Pedrito Coelho transformou-se num monte irreconhecível de ossos e tripas feitos em fanicos —, desisti da ideia de usar a espingarda para caçar. Nem sequer treinei a pontaria. No silêncio que se instalou depois da Quarta Vaga, os disparos ouviam-se mais do que uma bomba atómica.

Mesmo assim, achei que a M16 era do melhorzinho que podia ter arranjado. Nunca a largo, seja de dia ou de noite; tenho-a sempre comigo no saco-cama, é a minha fiel companheira. Na Quarta Vaga, não podemos fiar-nos que as pessoas continuam a ser pessoas. Mas podemos fiar-nos que a nossa arma continua a ser a nossa arma.

*Chiu, Cassie. Já está perto.*

*Muito perto.*

Devia ter fugido. Aquela vozinha queria proteger-me. Aquela vozinha é mais velha do que eu. É mais velha do que a pessoa mais velha que alguma vez viveu.

Devia ter-lhe dado ouvidos.

Mas, em vez disso, ouvi o silêncio na loja abandonada, ouvi-o com muita atenção. Havia alguma coisa por perto. Dei um passinho de nada para longe da porta e os cacos de vidro fizeram um ruído ligeiro sob os meus pés.

E então «alguma coisa» fez um barulho, uma mistura de tossir com gemer. Vinha do armazém nas traseiras, por detrás dos frigoríficos, onde estava a minha água.

Nesse momento, não foi preciso nenhuma vozinha ancestral dizer-me o que fazer. Era óbvio, de caras. Tinha que fugir.

Mas não fugi.

A primeira regra para se sobreviver à Quarta Vaga é não confiar em ninguém. Não importa qual seja o seu aspeto. Nisso, os Outros

são muito espertos — OK, eles são espertos em tudo. Não interessa que tenham a aparência certa, que digam as coisas certas e que se comportem exatamente como esperamos que se comportem. A morte do meu pai provou isso mesmo, ou não? Mesmo que a desconhecida seja uma velhinha ainda mais adorável do que a nossa tia-avó Tilly e que traga ao colo um gatinho indefeso, não podemos ter a certeza — nunca podemos ter a certeza — de que ela não é uma deles ou de que por baixo daquele gatinho não está uma pistola carregada.

Não é nada de impossível. E, quanto mais se pensa no assunto, mais possível se torna. E então a velhinha tem de ir à vida.

Isso é a parte mais difícil, aquela parte em que, se eu pensasse demasiado na questão, me ia dar vontade de me enfiar no saco-cama, correr o fecho e morrer lentamente à fome. Se não se pode confiar em ninguém, não se confia e pronto. Antes partir do princípio de que a tia Tilly é uma deles do que arriscar pensar que encontrámos outro sobrevivente.

E isso é diabólico.

Dá cabo de nós. Faz com que se torne muito mais fácil caçar-nos e erradicar-nos. A Quarta Vaga força-nos à solidão — onde a união não faz a força e onde enlouquecemos aos poucos por causa do isolamento, do medo e da terrível expectativa do inevitável.

Por isso não fugi. Não fui capaz. Fosse um deles ou uma tia Tilly qualquer, tinha que defender o meu território. A única forma de continuarmos vivos é ficarmos sozinhos. Essa é a segunda regra.

Segui aquele tossir choroso, ou choro tossido, ou o que raio lhe queiram chamar, até chegar à porta que dava para o armazém nas traseiras. Mal respirava e ia avançando em bicos de pés.

A porta estava entreaberta e o espaço dava à justa para eu passar de lado. À minha frente tinha uma prateleira de metal fixada na parede e, para a direita, o corredor estreito que se estendia paralelamente aos frigoríficos alinhados. Ali atrás não havia janelas. A única luz era aquele laranja enjoativo do dia a desaparecer atrás de mim, uma luz ainda suficientemente forte para projetar a minha sombra no chão peganhento. Agachei-me; a minha sombra agachou-se comigo.

Dali do lado do frigorífico não conseguia ver o corredor. Mas ouvia a pessoa — ou a coisa — lá ao fundo, a tossir, a gemer e a largar uns soluços gorgolejantes.

*Ou tem um ferimento grave ou então está a fingir que tem, pensei. Ou precisa de ajuda ou então isto é uma armadilha.*

Foi nisto que a vida na Terra se transformou desde a Chegada. É um mundo de «ou isto ou aquilo».

*Ou é um deles e sabe que estás aqui ou então não é um deles e precisa da tua ajuda.*

Fosse como fosse, tinha que me levantar e dobrar aquela esquina.

Por isso levantei-me.

E dobrei a esquina.

#### 4

Ele estava caído contra a parede dos fundos, a seis metros de mim, as suas pernas compridas estendidas em diante, uma mão sobre o estômago. Vestia farda de soldado, calçava botas pretas e estava todo sujo e ensanguentado. Havia sangue por toda a parte. Na parede atrás dele. A formar uma poça no cimento frio por baixo dele. A ensopar-lhe o uniforme. A empastar-lhe o cabelo. O sangue brilhava ligeiramente; na semiobscuridade, parecia preto como o alcatrão.

Na outra mão segurava uma arma e essa arma estava apontada à minha cabeça.

Eu era a imagem refletida da sua. A pistola dele correspondia à minha espingarda. Tanto os dedos dele como os meus estavam sobre o gatilho.

O facto de ele me estar a apontar uma arma não provava nada. Se calhar era mesmo um soldado ferido e achava que eu era um deles.

Ou não.

— Larga a arma — disse ele a cuspir-se todo.

*Querias.*

— Larga a arma! — gritou ele, ou tentou gritar. As palavras saíram-lhe todas entarameladas por causa do sangue que lhe subia das entranhas. Tinha sangue a gotejar-lhe do lábio inferior, a escorrer-lhe para o queixo coberto por uma barba rala, onde ficava a ameaçar cair, e a brilhar-lhe nos dentes.

Abanei a cabeça. Estava em contraluz e rezei para que ele não visse como eu tremia ou o medo nos meus olhos. Aquilo não era o mesmo que um coelho que foi estúpido que chegasse para vir ao meu acampamento numa manhã ensolarada. Aquilo era uma pessoa. Ou, se não era, parecia.

O problema de matar é que não sabemos se somos capazes de o fazer até o fazermos.

Ele disse o mesmo pela terceira vez, não tão alto como da segunda. Saiu-lhe como uma súplica.

— Larga a arma.

A mão que segurava a pistola estremeceu. A ponta do cano virou-se para o chão. Foi um pequeno movimento, mas por aquela altura os meus olhos já se tinham ajustado à luz e vi um fio de sangue escorrer pelo cano.

E então ele largou a pistola.

Caiu-lhe entre as pernas com um ruído metálico. Ele ergueu a mão vazia no ar, acima do ombro, com a palma para diante.

— OK — disse, com um meio sorriso ensanguentado. — Agora é a tua vez.

Abanei a cabeça.

— A outra mão — respondi. Rezei para que a minha voz soasse mais forte do que eu me sentia. Os meus joelhos tinham começado a tremer, doíam-me os braços e tinha a cabeça às voltas. Para além disso, também estava a lutar contra a vontade de vomitar. Não sabemos se somos capazes de o fazer até o fazermos.

— Não consigo — disse ele.

— A outra mão.

— Se mexer esta mão, acho que o meu estômago sai para fora.

Ajeitei a coronha da espingarda contra o ombro. Estava a suar, a tremer e a tentar pensar. *Ou isto ou aquilo*, Cassie. *O que é que vais fazer, isto ou aquilo?*

— Estou a morrer — disse ele sem rodeios. Àquela distância, os seus olhos eram dois pontinhos de luz refletida. — Por isso, ou acabas comigo ou então ajudas-me. Sei que és humana...

— Como é que sabes? — perguntei logo, antes que ele morresse. Se fosse mesmo um soldado, talvez soubesse ver a diferença. Essa seria uma informação muito útil.

— Porque, se não fosses, já tinhas disparado. — Tornou a sorrir, fazendo duas covinhas na cara, e foi então que percebi como era novo. Só devia ter mais uns dois anos do que eu. — Vês? — murmurou ele. — É assim que tu também sabes.

— É assim que eu sei o quê? — Estavam a vir-me as lágrimas aos olhos. O seu corpo prostrado ondulou na minha visão como uma imagem naqueles espelhos das feiras. Mas não me atrevi a tirar a mão da arma para limpar os olhos.

— Que eu sou humano. Se não fosse, tinha disparado contra ti. Fazia sentido. Ou faria sentido porque eu queria que fizesse sentido? Talvez ele tivesse largado a arma para me fazer largar a minha e, depois de eu fazer isso, fosse tirar para fora a segunda arma, que trazia escondida debaixo do uniforme, e então a bala diria «olá» aos meus miolos.

Foi isto o que os Outros nos fizeram. Não podemos juntar-nos para lutar se não confiarmos uns nos outros. E, se não confiarmos uns nos outros, não há esperança.

Como fazer os humanos desaparecerem da Terra? Faz-se a humanidade desaparecer dos humanos.

— Tenho que ver a tua outra mão — repliquei.

— Já te disse...

— Tenho que ver a tua outra mão! — Então a voz falhou-me. Não pude evitá-lo.

Ele perdeu a cabeça.

— Então vais ter que me matar, cabrona! Mata-me de uma vez e pronto!

Deixou a cabeça descair contra a parede, abriu a boca e deixou escapar um terrível uivo angustiado que ecoou pelas paredes, pelo chão e pelo teto, entrando-me pelos ouvidos adentro. Não sabia se ele estava a gritar de dor ou por ter compreendido que eu não o ia salvar. Permitira-se ter esperança e é isso o que nos mata. Mata-nos antes de morrermos. Muito antes de morrermos.

— Se eu ta mostrar — arquejou, meio a embalar-se sobre o cimento ensanguentado —, se eu ta mostrar, ajudas-me?

Não lhe respondi. Não respondi porque não tinha uma resposta. Estava a levar aquilo um nanossegundo de cada vez.

E então ele decidiu por mim. Recusou-se a deixá-los ganhar, é o que agora acho. Recusou-se a abandonar a esperança. Se isso o matasse, ao menos morreria com uma réstia de humanidade intacta.

Com um esgar, ergueu lentamente a mão esquerda. O dia já quase chegara ao fim, praticamente não havia luz e a pouca que havia parecia estar a afastar-se aos poucos da sua fonte, de detrás dele, passando por mim e escapando-se pela porta entreaberta.

O soldado tinha a mão coberta de sangue meio seco. Parecia que trazia uma luva carmesim.

A luz quase inexistente beijou-lhe a mão ensanguentada e treme-luziu ao longo de qualquer coisa comprida, fina e metálica, e então o meu dedo premiu o gatilho, a espingarda escoiceou com força contra



o meu ombro e o cano estremeceu na minha mão enquanto eu esva-ziava o carregador, e, muito ao longe, ouvi alguém a gritar, mas não era ele quem gritava, era eu, eu e todos os que restavam, caso ainda restasse alguém — todos nós, os estúpidos humanos indefesos e desesperados a gritar porque tínhamos percebido mal, tínhamos percebido tudo mal, não havia nenhum bando de extraterrestres a descer do céu nos seus discos voadores, nem grandes geringonças de metal como as que se veem no *Star Wars — A Guerra das Estrelas*, nem criaturinhas engelhadas e fofas que só queriam apanhar umas quantas folhinhas, comer alguns *Smarties* e voltar para casa. Não é assim que isto vai acabar.

Não é mesmo.

Vai acabar connosco a matarmo-nos uns aos outros por detrás de fileiras de frigoríficos de bebidas vazios, sob a última luz de um final de tarde de verão.

Aproximei-me do soldado antes que a última luz desaparecesse. Não queria ver se estava morto; já sabia que estava. Queria ver o que ele continuava a segurar na mão ensanguentada.

Era um crucifixo.

## 5

Ele foi a última pessoa que vi.

Agora as folhas estão todas a cair das árvores e as noites arrefeceram. Não posso ficar aqui na floresta. Não há folhagem para me esconder dos *drones* e não posso arriscar fazer uma fogueira; tenho que sair daqui.

Já sei para onde tenho de ir. Há muito que sei. Fiz uma promessa, o tipo de promessa que não se quebra, porque, se o fizermos, estamos a destruir uma parte de nós, talvez a mais importante.

Mas dizemos coisas a nós mesmos. Coisas como: *Mas primeiro tenho que ter alguma ideia. Não posso simplesmente ir enfiar-me na toca do lobo sem um plano. Ou então: Não vale a pena, já não vai fazer diferença. Esperaste demasiado tempo.*

Fosse qual fosse a razão para eu não ter partido mais cedo, devia ter-me ido embora na noite em que o matei. Não sei como foi que ele ficou ferido; não examinei o corpo nem nada, mas devia tê-lo feito, por mais aterrorizada que estivesse. Suponho que ele pudesse ter

ficado assim num acidente, mas era mais provável que alguém — ou alguma coisa — lhe tivesse dado um tiro. E, se alguém ou alguma coisa lhe dera um tiro, então esse algo ou alguém continuava à solta, a menos que o Soldado do Crucifixo tivesse limpado o sebo a esse algo ou alguém. Mas, se ele era um dos Outros e o crucifixo era só para enganar...

Outra maneira que os Outros têm de nos dar cabo do juízo: as circunstâncias incertas da nossa garantida destruição. Talvez a Quinta Vaga seja isso: atacarem-nos a partir de dentro, transformarem os nossos cérebros em armas.

Talvez o último ser humano da Terra não morra de fome, de contágio ou feito em repasto dos animais selvagens.

Talvez o último a morrer seja morto pelo último sobrevivente.

*OK, Cassie, não vás por aí.*

Honestamente, embora ficar aqui seja suicídio e eu tenha uma promessa a cumprir, não quero ir-me embora. Há muito tempo que esta floresta é a minha casa. Conheço cada caminho, cada árvore, cada trepadeira e cada arbusto. Vivi dezasseis anos na mesma casa e não sou capaz de descrever totalmente o pátio das traseiras, mas sou capaz de descrever em detalhe cada folha e cada ramo nesta porção de floresta. Não faço ideia do que estará para lá destas árvores e dos três quilómetros de interestadual que percorro todas as semanas para ir procurar mantimentos. Imagino que seja muito mais do mesmo: cidades abandonadas a federem a esgoto e a cadáveres em decomposição, ruínas de casas ardidas, cães e gatos ferozes e choques em cadeia a estenderem-se por quilómetros na autoestrada. E mortos. Muitos e muitos mortos.

Junto as minhas coisas. Esta tenda foi a minha casa durante muito tempo, mas é grande demais e eu não posso viajar muito carregada. Só vai o essencial, com a *Luger*, a *M16*, as munições e o meu leal facão à cabeça da lista. Saco-cama, estojo de primeiros socorros, cinco garrafas de água, três caixas de *Slim Jims*<sup>1</sup> e algumas latas de sardinhas. Antes da Chegada, eu odiava sardinhas, mas agora não quero outra coisa. A primeira coisa que procuro quando entro numa mercearia? Sardinhas.

Livros? São pesados e ocupam muito espaço na minha mochila já a abarrotar. Mas tenho uma fixação por livros. O meu pai também

---

<sup>1</sup> Uma variedade de salsichas secas, que se come como *snack-food*. (NT)

tinha. A nossa casa estava cheia do chão ao teto com todos os livros que ele conseguiu encontrar depois de a Terceira Vaga acabar com mais de três mil milhões e meio de pessoas. Enquanto os outros surripiavam água potável e comida e juntavam armas para o confronto final — que sabíamos que vinha aí —, o meu pai saía com o carrinho de mão do meu irmão pequeno para trazer livros para casa.

Os números inacreditáveis não o perturbaram. O facto de, em quatro meses, termos passado de sete mil milhões a um par de centenas de milhares não abalou a sua confiança em que a nossa raça sobreviveria.

— Há que pensar no futuro — insistia ele. — Quando isto terminar, teremos que reconstruir quase completamente a civilização.

Lanterna solar.

Pasta de dentes e escova. Estou determinada a, quando o momento chegar, pelo menos ir desta para melhor de dentes lavados.

Luvas. Dois pares de meias, roupa interior, embalagem de *Tide* própria para viagens, desodorizante e champô. (Hei de ir-me de banho tomado. Ver parágrafo anterior.)

Tampões. Estou sempre preocupada com quantos tenho e se vou conseguir encontrar mais.

O meu saquinho de plástico cheio de fotografias. O meu pai. A minha mãe. O meu irmãozinho, o Sammy. Os meus avós. A Lizabeth, a minha melhor amiga. Uma do Ben Parish, que era podre de bom, recortada do anuário escolar, porque o Ben era o meu futuro namorado e/ou/talvez futuro marido — embora ele não soubesse disso. O Ben Parish mal sabia que eu existia. Conhecíamos algumas das mesmas pessoas, mas eu era só uma miúda em fundo, com vários graus de separação dele. O único defeito do Ben era a sua altura — era quinze centímetros mais alto do que eu. Bom, agora já são dois defeitos: a altura e o facto de já estar morto.

O meu telemóvel. Fritou durante a Primeira Vaga e agora não dá para carregar. As torres de telemóveis já não estão a funcionar e, mesmo que estivessem, não há ninguém a quem telefonar. Mas não interessa, é o meu telemóvel.

Corta-unhas.

Fósforos. Não faço fogueiras, mas pode ser que em alguma altura precise de queimar alguma coisa ou de a fazer explodir.

Dois cadernos de espiral pautados, um de capa púrpura, o outro de capa vermelha. Para além de serem as minhas cores favoritas, são os meus diários. Tem que ver com essa história da esperança. Mas, se

eu for a última e não houver mais ninguém para os ler, talvez algum extraterrestre o faça e então ficarão a saber exatamente o que eu acho deles. No caso de ser algum extraterrestre quem está a ler isto:

VAI À MERDA.

Os meus *Sugus*, já sem nenhum de laranja. Três caixas de pastilhas de hortelã. Os meus dois últimos chupa-chupas.

A aliança da minha mãe.

O ursinho de peluche do Sammy, já muito velho. Não que agora seja meu. Não me abraço a ele nem nada do género.

É tudo o que consigo enfiar na mochila. Que estranho. Parecem coisas a mais, mas, ao mesmo tempo, não chegam.

Ainda cabem alguns livros de bolso, mesmo à rasca. *As Aventuras de Huckleberry Finn* ou *As Vinhas da Ira*? Os poemas de Sylvia Plath ou o Shel Silverstein do Sammy? É capaz de não ser boa ideia levar a Sylvia Plath. É deprimente. O Silverstein é para miúdos, mas, ainda assim, faz-me sorrir. Resolvo levar o *Huckleberry* (parece-me apropriado) e *Where the Sidewalk Ends*. Vemo-nos em breve, Shel. Vem daí, Jim<sup>2</sup>.

Ponho a mochila num dos ombros, penduro a espingarda no outro e desço o caminho em direção à autoestrada. Não olho para trás.

Paro ao chegar à orla do arvoredado. Um talude com seis metros desce até às faixas de sentido sul, que estão cheias de carros destruídos, amontoados de roupa, sacos do lixo rasgados e as carroçarias ardidas de semirreboques que transportavam tudo e mais alguma coisa, desde gasolina a leite. Por todo o lado há carros destruídos — alguns só ficaram com o para-choques amolgado, outros enfaixaram-se uns nos outros ao longo de quilómetros de autoestrada, e o sol da manhã vai cintilando em todo o vidro partido que há por ali.

Não há cadáveres. Estes carros estão aqui desde a Primeira Vaga; há muito que foram abandonados pelos donos.

Não morreram muitas pessoas na Primeira Vaga, a tremenda onda eletromagnética que atravessou a atmosfera exatamente às onze da manhã do décimo dia. Apenas cerca de meio milhão, calculou o meu pai. OK, parece ser muita gente, mas, na verdade, não passa de uma gota no oceano da população. Na Segunda Guerra Mundial morreram cem vezes mais.

E tivemos algum tempo para nos prepararmos para aquilo, embora não soubéssemos ao certo para o que é que nos estávamos a preparar.

---

<sup>2</sup> *Where the Sidewalk Ends* é um livro de poemas para crianças de Shel Silverstein, autor já falecido; «Pirate Captain Jim» é um dos poemas. (NT)

Dez dias desde as primeiras imagens de satélite da nave-mãe a passar por Marte até ao surgir da Primeira Vaga. Dez dias de confusão. Lei marcial, protestos em frente às Nações Unidas, desfiles, festas nos telhados, conversas sem fim pela Internet e cobertura noticiosa da Chegada em todos os meios de comunicação, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O presidente falou à nação — e depois foi esconder-se no seu *bunker*. O Conselho de Segurança fez uma reunião de emergência interdita a jornalistas.

Muitas pessoas limitaram-se a fugir, como os nossos vizinhos, os Majewski. Na tarde do sexto dia, meteram tudo o que puderam na sua *roulotte* e fizeram-se à estrada, juntando-se a um êxodo em massa para outro lugar qualquer, porque, por algum motivo, qualquer outro lugar parecia mais seguro do que ali. Milhares de pessoas fugiram para as montanhas... ou para o deserto... ou para os pântanos. Para outro lado qualquer, estão a ver?

O «outro lado qualquer» dos Majewski foi o Disney World. E não foram os únicos. Durante esses dez dias antes da onda eletromagnética, a Disney teve um número recorde de visitantes.

O meu pai perguntou ao Mr. Majewski:

— Porquê o Disney World?

E o Mr. Majewski respondeu:

— Bem, os miúdos nunca foram lá.

Os seus dois miúdos já andavam na faculdade.

A Catherine, que chegara no dia anterior depois de concluir o primeiro ano na Baylor, perguntou:

— E vocês, vão aonde?

— A lado nenhum — respondi eu. E não queria ir a lado nenhum. Ainda estava a viver em negação, a fingir que toda aquela maluquice dos extraterrestres se ia resolver, embora não soubesse como; talvez assinassem algum tratado de paz intergaláctico. Ou talvez só tivessem passado por cá para levarem algumas amostras de solo. Ou então talvez estivessem de férias, como os Majewski a irem ao Disney World.

— Têm que sair daqui — disse ela. — Eles vão atacar primeiro as cidades.

— És capaz de ter razão — repliquei. — Nunca lhes passaria pela cabeça destruir o Magic Kingdom.

— Como é que preferias morrer? — retaliou ela. — Escondida debaixo da cama ou a andar na montanha-russa do Disney World?

Boa pergunta.

O meu pai disse que o mundo se estava a dividir em dois grupos: os que fugiam e os que ficavam. Os que fugiam iam para as montanhas — ou para a montanha-russa do Disney World. Os que ficavam fechavam as janelas com tábuas, aprovisionavam-se de conservas e de munições e mantinham a televisão sempre ligada na CNN.

Durante esses primeiros dez dias, os nossos convidados à força galácticos não nos enviaram nenhuma mensagem. Não houve espetáculos de luzes. Não houve aterragens na Casa Branca nem homúnculos cabeçudos e de olhos salientes vestidos com uniformes prateados e a pedirem para os levarmos ao nosso líder. Não houve piões com luzinhas a usarem a linguagem universal da música em altos berros. E não houve resposta quando lhes enviámos a nossa mensagem, algo do género: «Olá, bem-vindos à Terra. Esperamos que tenham uma boa estada. Por favor, não nos matem.»

Ninguém sabia o que fazer. Julgámos que o governo tinha alguma ideia. O governo tinha sempre um plano para tudo, por isso partimos do princípio de que também teria um plano para os extraterrestres que tinham aparecido por cá sem serem convidados e sem nos avisarem primeiro, como aquele primo esquisito de que ninguém na família gosta de falar.

Algumas pessoas ficaram. Outras fugiram. Alguns casaram-se. Outros divorciaram-se. Alguns fizeram bebés. Outros mataram-se. Andávamos todos como *zombies*, robóticos e sem expressão, incapazes de processar a magnitude do que se estava a passar.

Agora custa a acreditar, mas a minha família, tal como a grande maioria das pessoas, continuou a fazer a sua vida de todos os dias, como se a coisa mais monumentalmente espantosa da História da humanidade não estivesse a acontecer mesmo por cima das nossas cabeças. A minha mãe e o meu pai iam para o trabalho, o Sammy ia para o infantário e eu ia para as aulas e para os treinos de futebol. Era tão normal que chegava a ser esquisito. No final do Dia Um, todos os que tivessem mais de dois anos já tinham visto a nave-mãe ao perto algumas mil vezes — uma coisa verde-acinzentada, luminosa e gigantesca, mais ou menos do tamanho de Manhattan, a andar às voltas quatrocentos quilómetros acima da Terra. A NASA anunciou o seu plano de irem buscar um vaivém espacial que tinham arrumado num lado qualquer para tentarem estabelecer contacto.

*Boa ideia, pensámos todos. Este silêncio é ensurdecedor. Porque é que eles viajaram milhões de quilómetros só para ficarem a olhar para nós? Que má educação.*

No Dia Três, saí com um rapaz chamado Mitchell Phelps. Bem, tecnicamente, só fomos até *lá fora*. O encontro foi no meu pátio das traseiras por causa do recolher obrigatório. Ele passou pelo *drive-through* da Starbucks no caminho para a minha casa e depois sentámo-nos no pátio das traseiras a beber os nossos cafés e a fingirmos que não estávamos a ver a sombra do meu pai a ir e vir enquanto ele andava de um lado para o outro na sala. O Mitchell tinha-se mudado ali para a cidade poucos dias antes da Chegada. Sentava-se atrás de mim na aula de Literatura Universal e eu cometi o erro de lhe emprestar a minha caneta de sublinhar. Quando dei por isso, já ele me estava a convidar para sair, porque, se uma rapariga empresta a sua caneta de sublinhar a um rapaz, isso quer dizer que o acha um borracho. Não sei porque é que saí com ele. Ele nem era assim muito giro e não tinha nada de interessante para lá da sua aura de novo miúdo no bairro — e não era, nem de longe, o Ben Parish. Ninguém era — exceto o próprio Ben Parish —, e o problema era esse.

Ao terceiro dia, as pessoas ou estavam sempre a falar dos Outros ou então tentavam nunca falar neles. Eu incluía-me na segunda categoria.

O Mitchell estava na primeira.

— E se eles forem nós? — perguntava.

Não demorou muito após a Chegada para todos os maluquinhos das conspirações começarem a falar em projetos secretos do governo ou num plano secreto para simular uma crise extraterrestre e usar isso para nos tirar as nossas liberdades. Como pensei que era nisso que ele estava a falar, suspirei, aborrecida.

— O que é? — perguntou ele. — Não quero dizer «nós» nós. Quero dizer, e se eles forem nós vindos do futuro?

— E então é como *O Exterminador Implacável*, certo? — repliquei, revirando os olhos. — Eles chegaram para travar a revolta dos robôs. Ou então são *eles* os robôs. Se calhar são a Skynet<sup>3</sup>.

— Não me parece — disse ele, agindo como se eu estivesse a falar a sério. — É o paradoxo do avô.

— O quê? E o que raio é o paradoxo do avô? — O Mitchell tinha dito aquilo como se achasse que eu sabia o que era o paradoxo do avô, porque, se eu não soubesse, então era uma débil mental. Detesto quando as pessoas fazem isso.

---

<sup>3</sup> Nos filmes da série *O Exterminador Implacável*, a Skynet é o sistema de inteligência artificial que se revolta contra os humanos. (NT)

— Eles, ou seja, nós, não podem voltar atrás no tempo e mudar as coisas. Se voltasses atrás no tempo e matasses o teu avô antes de teres nascido, então não ias poder voltar atrás no tempo para matares o teu avô.

— E porque havias tu de querer matar o teu avô? — Torci a palhinha do meu *frappuccino* de morango para fazer aquele chiar característico.

— A questão é que, só por apareceres, mudas o curso da História — argumentou ele. Como se tivesse sido eu a puxar a conversa das viagens no tempo.

— Temos que falar sobre isto?

— Que outro assunto é que há para falar? — As sobrancelhas subiram-lhe quase até ao cabelo. O Mitchell tinha umas sobrancelhas muito grossas. Essa foi uma das primeiras coisas que reparei nele. E roía as unhas. Essa foi a segunda coisa que reparei. Podemos saber muito sobre uma pessoa vendo-lhe as cutículas.

Agarrei no meu telemóvel e mandei uma mensagem à Lizbeth.

### **ajuda-me**

— Tens medo? — perguntou ele. Estava a tentar que eu lhe desse outra vez atenção. Ou então queria que eu o tranquilizasse. Estava a olhar-me de uma maneira muito insistente.

Abanei a cabeça.

— Estou farta da conversa, só isso. — Era mentira. Claro que eu tinha medo. Sabia que estava a ser má, mas não consegui evitar. Por alguma razão que não consigo explicar, estava zangada com ele. Ou então, o que eu estava mesmo era zangada comigo por ter dito que sim a sair com um rapaz em que não estava realmente interessada. Ou talvez estivesse zangada com o Mitchell por ele não ser o Ben Parish, o que não era culpa dele. Mas isso não interessava.

### **ajudo te a fzer o k?**

— Podemos falar de qualquer coisa — disse o Mitchell. Estava a olhar para as roseiras e a mexer o café no fundo do copo, e ia batucando com o joelho por baixo da mesa com tanta força que fazia tremer o meu *frappuccino*.

**mitchell.** Achei que não era preciso dizer mais nada.

— A quem é que estás a mandar mensagens?

### **eu disse p n saíres c ele**

— Não conheces — respondi. **não sei porque é que aceitei**

— Podemos ir a outro lado qualquer — sugeriu ele. — Queres ir ao cinema?

— Há um recolher obrigatório — lembrei-lhe. Ninguém podia andar na rua depois das nove exceto os carros militares e as ambulâncias.



### **lol p fazer ciúmes ao ben**

— Estás chateada? Tens alguma coisa?

— Não — respondi. — Já te disse o que é que tenho.

Ele franziu os lábios, frustrado. Não sabia o que dizer.

— Só estava a tentar perceber quem é que eles podem ser — explicou.

— Tu e mais toda a gente no planeta — repliquei. — Ninguém sabe ao certo, e eles não nos dizem, e então põem-se todos com palpites e teorias, e nada disso serve para nada. Se calhar eles são homens-ratos vindos do planeta Queijo, que fazem comércio interplanetário e que estão cá por causa do nosso *provolone*.

### **o bp nem sabe que eu existo**

— Sabes uma coisa? — disse ele — É um bocado má educação estares a mandar mensagens enquanto eu estou a tentar conversar contigo.

O Mitchell tinha razão. Guardei o telemóvel no bolso. *O que é que se está a passar comigo?*, perguntei-me. A Cassie de antigamente nunca teria feito uma coisa assim. Os Outros já estavam a transformar-me numa pessoa diferente, mas eu queria fingir que nada mudara, sobretudo eu mesma.

— Já ouviste? — perguntou ele, voltando ao assunto de que eu tinha dito que estava farta. — Andam a construir uma plataforma de aterragem para eles.

Já tinha ouvido. Em Death Valley. Isso mesmo: o Vale da Morte.

— Pessoalmente, não acho que seja muito boa ideia — continuou ele. — Recebê-los de braços abertos.

— Porquê?

— Já passaram três dias. Três dias e eles recusaram qualquer contacto. Se vêm em paz, porque é que ainda não nos disseram «olá»?

— Se calhar são tímidos, só isso. — Enrolando uma madeixa com o dedo, puxei-a ligeiramente para sentir aquela dor semiagradável.

— Como se fossem o miúdo novo no bairro — disse ele, o miúdo novo no bairro.

Não deve ser fácil ser-se o miúdo novo no bairro. Senti que devia pedir-lhe desculpa por estar a ser mal-educada.

— Há bocado fui má — admiti. — Desculpa.

Ele olhou-me, baralhado. Estava a falar dos extraterrestres, não dele próprio, e eu fui dizer-lhe uma coisa sobre mim, que não tinha nada que ver com as outras duas.

— Tudo bem — respondeu ele. — Ouvi dizer que não saís muito com rapazes.

Au.

— E que mais ouviste? — Esta é uma daquelas perguntas cuja resposta não queremos saber, mas temos que a fazer à mesma.

Ele bebeu um gole do seu *latte* pelo buraquinho na tampa de plástico.

— Nada de especial. Também não andei a perguntar.

— Perguntaste a alguém que te disse que eu não saio muito com rapazes.

— Eu só comentei que estava a pensar em convidar-te para sair, e disseram-me: «A Cassie é porreira.» E eu perguntei: «Como é que ela é?» E responderam-me que eras porreira mas que o melhor era eu não ter muitas esperanças porque tinhas uma cena pelo Ben Parish...

— Disseram-te isso? Quem é que te disse isso?

Ele encolheu os ombros.

— Não me lembro do nome dela.

— Foi a Lizbeth Morgan? *Eu mato-a.*

— Não sei como é que ela se chama — respondeu o Mitchell.

— Como é que ela é?

— Cabelo castanho comprido. Óculos. Acho que se chama Carly, ou lá o que é.

— Não conheço nenhuma...

*Ob, Deus. Uma Carly qualquer que eu nem sequer conheço sabe de mim e do Ben Parish, ou melhor, sabe que não há nada entre mim e o Ben Parish. E se essa Carly «não sei das quantas» sabia, então toda a gente sabia.*

— Acontece que estão enganados — disse eu logo. — Não tenho cena nenhuma pelo Ben Parish.

— Isso não me interessa.

— Mas interessa-me a mim.

— Acho que isto não está a resultar — disse o Mitchell. — Tudo o que eu digo, ou te chateia ou então irrita-te.

— Eu não estou irritada — respondi, furiosa.

— OK, enganei-me.

Não, ele não se tinha enganado. E eu fiz mal em não lhe dizer que a Cassie que ele conhecia não era a Cassie que eu já fora, a Cassie Antes da Chegada, que não teria sido má nem para uma mosca. Não estava preparada para admitir a verdade: não fora só o mundo a mudar com a chegada dos Outros. Todos nós mudámos. Eu mudei. Mal a nave-mãe apareceu, entrei por um caminho que me iria levar às traseiras de uma loja de conveniência, por detrás de uns quantos frigoríficos vazios. Essa noite com o Mitchell foi apenas o começo da minha evolução.

O Mitchell tinha razão quanto a os Outros não terem aparecido por ali apenas para nos dizerem «olá». Na véspera da Primeira Vaga, o teorista físico mais importante a nível mundial, um dos tipos mais espertos do mundo (foi isso o que apareceu na televisão, por baixo dele: «UM DOS TIPOS MAIS ESPERTOS DO MUNDO»), foi à CNN e disse: «Este silêncio não me deixa nada entusiasmado. Não imagino nenhuma razão benigna para o mesmo. Temo que devamos esperar algo mais parecido com a chegada de Cristóvão Colombo às Américas do que com uma cena dos *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*, e todos nós sabemos como a coisa acabou para os ameríndios.»

— Devíamos mandar-lhes com mísseis nucleares — disse eu para o meu pai. Tive que levantar a voz por causa da televisão; ele punha-a sempre aos berros durante as notícias, porque a minha mãe tinha a televisão da cozinha ligada. Ela gostava de ver a TLC<sup>4</sup> enquanto cozinhava. Eu chamava àquilo a guerra dos comandos.

— Cassie! — Ele ficou tão escandalizado que até encolheu os dedos dos pés por baixo das meias de desporto brancas. Tinha crescido a ver os *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*, o *E. T.* — *O Extraterrestre* e o *Star Trek* e acreditava naquela conversa de que os Outros tinham chegado para nos salvarem de nós mesmos. Não ia haver mais fome. Não ia haver mais guerras. As doenças iam acabar. Os segredos do cosmo iam ser revelados. — Não percebes que isto pode ser o próximo passo na nossa evolução? Um grande salto em diante. Um salto tremendo. — Tentou reconfortar-me com um abraço. — Temos todos muita sorte por estarmos cá para assistir.

E depois acrescentou casualmente, como se estivesse a explicar-me como arranjar uma torradeira:

— Além disso, as armas nucleares não fazem grandes estragos no vácuo espacial. A onda de choque não tem como se propagar.

— Então esse marrão só está a dizer merda?

— Não uses essa linguagem, Cassie — repreendeu-me o meu pai. — Ele tem direito à sua opinião, mas não passa disso; de uma opinião.

— Mas, e se ele tiver razão? E se aquela coisa lá em cima for a versão deles de uma *Estrela da Morte*<sup>5</sup>?

---

<sup>4</sup> The Learning Channel, um canal de televisão por cabo norte-americano cuja temática é a vida familiar, os estilos de vida e as histórias pessoais. (NT)

<sup>5</sup> Referência a *Star Wars*: a *Estrela da Morte* é uma estação espacial/base de combate. (NT)

— E vinham do outro lado do universo só para rebentarem conosco? — Fez-me uma festa na perna e sorriu. A minha mãe subiu o volume da televisão na cozinha. E ele pôs a televisão da sala quase no máximo.

— OK, mas e se for uma horda mongol intergaláctica, como ele estava a dizer? — insisti. — Se calhar vieram para nos conquistar, para nos fechar em reservas, para fazerem de nós escravos...

— Cassie — interrompeu o meu pai —, só porque uma coisa *podia* acontecer não significa que *vá* acontecer. Seja como for, tudo isto é só especulação, tanto a conversa daquele tipo como a minha. Ninguém sabe o porquê de eles estarem aqui. Não será igualmente possível que eles tenham feito este caminho todo para nos salvarem?

Quatro meses depois de ter dito estas palavras, o meu pai estava morto.

Estava enganado em relação aos Outros. E eu também. E um dos tipos mais espertos do mundo também.

O objetivo deles não era salvar-nos. Também não era escravizar-nos ou fechar-nos em reservas.

Era matar-nos.

A todos.

## 6

Durante muito tempo pensei se seria melhor viajar de dia ou de noite. A escuridão é melhor se temos medo de os encontrar. Mas a luz do dia é preferível se queremos ver um *drone* antes que o *drone* nos veja a nós.

Os *drones* apareceram mesmo no fim da Terceira Vaga. São em forma de charuto e cinzentos, e deslizam rapidamente e sem barulho a centenas de metros de altura. Às vezes cruzam o céu sem parar. Noutras vezes põem-se a andar às voltas como falcões. Podem aparecer de um momento para o outro e parar de repente, passando de uma velocidade supersónica ao zero em menos de um segundo. Foi assim que percebemos que os *drones* não eram nossos.

Sabíamos que eram não tripulados (ou não *outrados*) porque um se despenhou a poucos quilómetros do nosso campo de refugiados. Ouvia-se um *tuum-uuump!* quando o *drone* rompeu a barreira do som e depois um guincho de furar os tímpanos quando caiu a toda a velocidade, e o chão tremeu-nos debaixo dos pés quando aquilo foi de rojo

por um milheiral em pousio. Uma equipa de reconhecimento foi a pé até ao local da queda para ver os destroços. OK, não era bem uma equipa, era só o meu pai e o Hutchfield, o tipo que era o chefe do campo. Ao voltar, disseram que o *drone* estava vazio. Tinham a certeza? Se calhar o piloto tinha-se posto a andar antes do impacto. O meu pai contou que aquilo lá dentro estava cheio de instrumentos; não havia lugar para um piloto. «A menos que só tenham cinco centímetros de altura.» Aquilo fez toda a gente rir muito. De alguma maneira, pensar nos Outros como sendo uns tipos pedinchões e com cinco centímetros de altura tornava o horror menos horrível.

Resolvi viajar de dia. Assim poderia manter um olho no céu e outro no caminho. Acabei a andar com a cabeça para cima e para baixo, para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, depois outra vez para cima, como uma fã histérica num concerto de *rock*, até acabar tonta e um bocado agoniada.

Além disso, à noite há outras coisas com que nos preocuparmos para além dos *drones*. Cães selvagens, coiotes, ursos e lobos vindos do Canadá, e até mesmo algum leão ou tigre que se tenha escapado de algum jardim zoológico. Eu sei, eu sei, até dava para fazer piadas com *O Feiticeiro de Oz*. Desculpem lá se eu existo.

E, embora talvez não fizesse *muita* diferença, acho que tinha mais chances de escapar se me cruzasse com um deles durante o dia. Ou até com um dos meus, se não for eu a última. E se tropeçar noutro sobrevivente e ele resolver que a sua melhor opção é usar a tática do Soldado do Crucifixo com quem quer que cruze o seu caminho?

Isto levanta o problema de qual será a minha melhor opção. Disparo mal veja alguém? Espero que o outro faça o primeiro movimento, correndo o risco de esse movimento poder matar-me? Pergunto-me, não pela primeira vez, por que raio não arranjámos um código, um aperto de mão secreto ou outra coisa qualquer antes de eles aparecerem — alguma coisa que nos identificasse como sendo os bons. Podíamos não ter como saber que eles iam aparecer, mas tínhamos a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa apareceria.

É difícil planear uma estratégia para o que aí vem quando o que aí vem não é nada que tenhamos planeado.

O melhor é tentar vê-los primeiro, resolvo. Escondo-me. Nada de duelos. Basta de Soldados do Crucifixo!

O dia está claro e sem vento, mas faz frio. Não há nuvens no céu. Vou avançando, sempre a olhar para cima e para baixo e de um lado para o outro, com a mochila a bater contra uma omoplata e a

espingarda a bater contra a outra, a caminhar por fora do separador de trânsito que há entre as faixas de rodagem de sentido sul e as de sentido norte, parando a cada poucos passos para me voltar e inspecionar o território nas minhas costas. Uma hora. Duas. E não fiz mais de quilómetro e meio.

O mais arrepiante, mais ainda do que os carros abandonados, o rosar da chapa amolgada ou o vidro estilhaçado a brilhar sob o sol de outubro, mais arrepiante do que todo o lixo e porcarias espalhadas ao longo do separador de trânsito — quase tudo escondido pelas ervas que dão pelos joelhos, de tal maneira que aquela faixa de chão parece disforme, toda cheia de furúnculos — é o silêncio.

Já não se ouve o *hum*.

Ninguém se esquece do *hum*.

Tirando aqueles que cresceram no alto de uma montanha ou que passaram a vida toda numa gruta, o *hum* estava sempre à nossa volta. A vida era isso. Era o mar em que nadávamos. O som constante de todas as coisas que construímos para tornar a vida mais fácil e um bocado menos chata. A canção mecânica. A sinfonia eletrónica. O *hum* de todas as nossas coisas e de todos nós. Desapareceu.

Este é o som da Terra antes de a termos conquistado.

Às vezes na minha tenda, quando já é noite alta, parece-me que consigo ouvir as estrelas a arranharem o céu. O silêncio chega a esse ponto. Ao fim de algum tempo, é quase demais para eu aguentar. Quero berrar a plenos pulmões. Quero cantar, gritar, bater com os pés, bater palmas, seja o que for para declarar a minha presença. Quando falei com o soldado, aquelas foram as minhas primeiras palavras em voz alta em muitas semanas.

O *hum* desapareceu no décimo dia a contar da Chegada. Era a terceira aula da manhã e eu estava a mandar à Lizbeth a última mensagem escrita que alguma vez hei de enviar. Não me lembro exatamente do que dizia.

Onze da manhã. Um dia quente e ensolarado no começo da primavera. Um dia bom para fazer rabiscos no caderno, para sonhar e para desejarmos estar em qualquer lado menos na aula de Cálculo de Ms. Paulson.

A Primeira Vaga chegou sem grande alarido. Não foi dramático. Não houve choque e pavor.

As luzes piscaram e apagaram-se.

A luz no teto, sobre a cabeça de Ms. Paulson, desapareceu.

O ecrã do meu telemóvel ficou escuro.

Alguém ao fundo da sala deu um gritinho. Clássico. Não importa a hora do dia a que aconteça — falha a eletricidade e alguém guincha como se o edifício estivesse todo a vir abaixo.

Ms. Paulson disse-nos para ficarmos nos nossos lugares. Isso é a outra coisa que as pessoas fazem quando falha a eletricidade. Saltam logo da cadeira para... Para quê? É esquisito. Estamos tão habituados à eletricidade que, quando falha, não sabemos o que fazer. Por isso saltamos logo da cadeira, ou então gritamos ou começamos a tagarelar como idiotas. Entramos em pânico. É como se nos tivessem cortado o oxigênio. Mas a Chegada só piorou a reação. Dez dias de formigueiros, à espera de que aconteça alguma coisa mas sem nada acontecer, deixa-nos enervados.

Por isso, quando eles nos cortaram a luz, passámo-nos um bocado mais do que seria normal.

Começaram todos a falar ao mesmo tempo. Quando anunciei que o meu telemóvel tinha deixado de funcionar, todos tiraram para fora o seu telemóvel apagado. O Neal Croskey, que estava sentado ao fundo da sala a ouvir o *iPod* enquanto Ms. Paulson ia dando a matéria, tirou os fones dos ouvidos e perguntou em voz alta porque é que a música tinha parado.

Quando falha a eletricidade, a nossa atitude seguinte, depois de entrarmos em pânico, é correr para a janela mais próxima. Não sabemos exatamente porquê. É aquele sentimento de «o melhor é ir ver o que se passa». O mundo funciona de fora para dentro. Por isso, se as luzes se apagam, olhamos lá para fora.

E Ms. Paulson andava à nora de volta do pessoal todo junto às janelas, a dizer:

— Silêncio! Voltem para os vossos lugares. De certeza que vai haver algum aviso...

E houve mesmo, cerca de um minuto depois. Não o ouvimos pelo sistema de som da escola, nem foi Mr. Faulks, o vice-diretor, quem o fez. Chegou do céu, deles. Foi um 727 a cair aos trambolhões pelo céu, de uma altura de três mil metros, até que desapareceu por detrás das árvores e explodiu, fazendo levantar-se uma bola de fogo que me lembrou um cogumelo atômico.

*Ei, terráqueos! Vamos lá começar a festa!*

Seria de pensar que ver algo assim nos faria correr para debaixo das mesas. Mas não. Juntámo-nos todos diante da janela e pusemo-nos a perscrutar o céu limpo, a tentar ver o disco voador que sem dúvida fizera o avião cair. Só podia ser um disco voador, certo? Já

sabíamos como se dava uma invasão alienígena digna desse nome. Discos voadores a cruzarem velozmente a atmosfera, esquadrões de caças *F-16* atrás deles, mísseis terra-ar e radares a apitar nos *bunkers*. De uma forma irreal e assumidamente doentia, queríamos ver algo desse tipo. Dessa maneira, seria uma invasão alienígena perfeitamente normal.

Passámos meia hora à espera junto às janelas. Quase ninguém falou. Ms. Paulson disse-nos para voltarmos para os nossos lugares. Ignorámo-la. A Primeira Vaga ainda só acontecera há trinta minutos e a ordem social já estava em cacos. Não parávamos de olhar para os telemóveis. Ninguém foi capaz de ligar os factos: o avião a cair, as luzes a apagarem-se, os nossos telemóveis a deixarem de funcionar e o relógio na parede com o ponteiro grande parado no meio-dia e o pequeno nas onze.

E então a porta abriu-se de rompante e Mr. Faulks disse-nos para irmos para o ginásio. Achei isso uma ideia muito boa: juntarmo-nos todos num sítio para os extraterrestres não terem que gastar muitas munições.

Seguimos todos para o ginásio e sentámo-nos nas bancadas em quase total escuridão enquanto o diretor ia andando de lá para cá, parando de vez em quando para nos berrar que ficássemos calados e que esperássemos até os nossos pais chegarem.

E os estudantes que tinham trazido carro? Não podiam ir-se embora?  
— Os vossos carros não vão trabalhar.

*Mas que merda...? Que história é essa de os nossos carros não trabalharem?*

Passou uma hora. Depois outra. Estava sentada ao lado da Lizbeth. Quase não falávamos e, se dizíamos alguma coisa, era em segredo — não por medo do diretor, mas por estarmos à escuta. Não sei muito bem o que é que estávamos a tentar ouvir, mas aquele silêncio era como antes de as nuvens se abrirem e de se ouvir um trovão.

— Se calhar é agora — sussurrou a Lizbeth. Coçou o nariz, toda nervosa. Depois meteu as unhas envernizadas pelos cabelos pintados de louro. Baticou com o pé. Esfregou uma pálpebra com a ponta de um dedo; tinha começado a usar lentes de contacto e faziam-lhe impressão.

— Sim, alguma coisa vai acontecer— sussurrei-lhe de volta.

— Quero dizer, *vai ser* agora. Tipo, chegou o *momento*. O fim.

Não parava de tirar a bateria do telemóvel e de tornar a pô-la. Antes disso do que não fazer nada, suponho.



Começou a chorar. Tirei-lhe o telemóvel e dei-lhe a mão. Olhei em volta. Ela não era a única que estava a chorar. Também havia alguns a rezar. E outros estavam a fazer as duas coisas, a chorar e a rezar. Os professores tinham-se agrupado todos junto às portas do ginásio, a formarem um escudo humano para o caso de as criaturas do espaço decidirem invadir a escola.

— Havia tanta coisa que queria fazer — disse a Lizbeth. — Nem sequer cheguei a... — Engoliu um soluço. — Tu sabes.

— Desconfio que neste momento o que mais deve haver é gente a fazer «tu sabes» — respondi. — Provavelmente mesmo por baixo destas bancadas.

— Achas? — A Lizbeth limpou as faces com a palma da mão. — E tu?

— Em relação ao «tu sabes»? — Não tinha problema nenhum em falar de sexo. O meu problema era falar de sexo em relação a mim.

— Oh, eu sei que tu nunca «tu sabes». Fogo! Não é disso que estou a falar.

— Julguei que era.

— Estou a falar das nossas vidas, Cassie! Meu Deus, isto pode ser o fim da porcaria do mundo e tu só queres falar de sexo!

Tirou-me o telemóvel da mão e pôs-se a tentar puxar a tampa da bateria.

— É por isso que devias dizer-lhe de uma vez — opinou depois, a puxar os fios do capuz.

— Dizer o quê a quem? — Sabia perfeitamente do que ela estava a falar; estava só a ver se ganhava tempo.

— O Ben! Devias dizer-lhe o que sentes por ele. O que sentes desde a terceira classe.

— Estás a gozar, não? — Senti-me a ficar muito vermelha.

— E a seguir devias fazer sexo com ele.

— Lizbeth, cala-te.

— É a verdade.

— Desde a terceira classe que não quero fazer sexo com o Ben Parish — sussurrei. *Desde a terceira classe?* Olhei de fugida para ver se ela me estava a ouvir com atenção. Pelos vistos não estava.

— No teu lugar, ia agora mesmo ter com ele e dizia-lhe: «Acho que isto é o fim. É o fim, e raios me partam se vou morrer neste ginásio de liceu sem nunca ter feito sexo contigo.» E sabes o que é que eu fazia a seguir?

— O quê? — Estava a imaginar a cara dele e a tentar não rir.

— Levava-o lá fora para o jardim e fazia sexo com ele.

— No jardim?

— Ou então nos balneários. — A Lizbeth ergueu a mão e sacudiu-a freneticamente, referindo-se à escola toda ou talvez mesmo ao mundo inteiro. — O lugar não importa.

— Nos balneários cheira mal. — Olhei para duas filas mais abaixo, para o contorno da magnífica cabeça do Ben Parish. — Esse tipo de coisas só acontece nos filmes — acrescentei.

— Sim, é completamente irrealista, ao contrário do que está a acontecer neste momento.

A Lizbeth tinha razão. Era completamente irrealista, tanto uma coisa como outra: extraterrestres a invadirem a Terra e o Ben Parish a invadir-me a mim.

— Ao menos podias dizer-lhe o que sentes — insistiu ela, lendo-me os pensamentos.

Sim, pois podia. Talvez noutra altura...

Mas nunca lhe disse. Aquela foi a última vez que vi o Ben Parish — sentado naquele ginásio abafado e às escuras («a casa dos Hawks!»), duas filas abaixo da minha, e só de costas. Deve ter morrido na Terceira Vaga, como quase toda a gente, e eu nunca lhe disse que gostava dele. Podia ter dito. Ele sabia quem eu era; estava sentado atrás de mim numa ou duas aulas.

Provavelmente ele nem se lembrava, mas quando começámos o liceu apanhávamos o mesmo autocarro e houve uma tarde em que o ouvi contar que a irmã bebé tinha nascido no dia anterior, e então virei-me no assento e disse-lhe: «O meu irmão nasceu a semana passada!» E ele respondeu: «A sério?» Não foi com sarcasmo, mas como se achasse que aquela coincidência tinha piada, e durante mais ou menos um mês fiquei a pensar que tínhamos uma ligação especial baseada em bebés. Mas depois passámos para o décimo ano e ele tornou-se na estrela da equipa de futebol e eu passei a ser só mais uma miúda nas bancadas a vê-lo marcar golos. Via-o nas aulas ou pelos corredores e às vezes tinha que me controlar para não ir ter com ele a correr e dizer-lhe: «Olá, eu sou a Cassie, aquela do autocarro. Lembras-te daquilo dos bebés?»

O mais engraçado é que talvez ele se tivesse lembrado mesmo. O Ben Parish não podia dar-se por satisfeito em ser o rapaz mais giro da escola. Só para me atormentar com a sua perfeição, também insistia em ser um dos mais inteligentes. E já mencionei como ele era bondoso com os animaizinhos e com as crianças? A sua irmã peque-

nina costumava estar junto à linha lateral do campo em todos os jogos e, quando ganhámos o torneio distrital, o Ben correu direito a ela, sentou-a nos ombros e seguiu na frente do desfile à volta da pista de corridas, enquanto a irmãzinha acenava para as bancadas como se fosse a chefe de claque.

Oh, e mais outra coisa: o sorriso dele era de morrer. O melhor é nem falar nisso.

Depois de mais uma hora no ginásio abafado e às escuras, vi o meu pai aparecer à entrada. Ele acenou-me, como se fosse normal vir buscar-me todos os dias à escola depois de um ataque de extraterrestres. Abracei a Lizbeth e disse-lhe que lhe telefonava logo que os telefones voltassem a funcionar. Ainda estava a usar o raciocínio pré-invasão. Sabem como é: a eletricidade é cortada, mas depois volta sempre. Por isso limitei-me a abraçá-la e não me lembro de lhe dizer que a adorava.

Sáímos e eu perguntei:

— Onde é que deixaste o carro?

E o meu pai respondeu que o carro não estava a trabalhar. Nenhum carro estava a trabalhar. As ruas estavam cheias de carros, de autocarros, de motos e de camiões, tudo empanado; viam-se colisões e sucata amontoada em todos os quarteirões, carros enfaixados em postes de luz ou meio de fora dos edifícios. Muitas pessoas tinham ficado fechadas depois de a onda eletromagnética nos atingir; como os fechos automáticos das portas não funcionavam, tinham tido que partir o vidro do próprio carro ou então tinham ficado sentadas ali dentro à espera que alguém as salvasse. Os feridos que ainda se conseguiam mexer arrastaram-se para a berma ou para o passeio e ficaram à espera dos paramédicos, mas os paramédicos não vieram porque as ambulâncias, os carros dos bombeiros e os carros-patrolha também não trabalhavam. Tudo o que funcionava a baterias ou a eletricidade ou que tinha motor, morreu às onze da manhã.

O meu pai ia caminhando enquanto falava, sempre a segurar-me firmemente pelo pulso, como se tivesse medo de que alguma coisa descesse do céu e me levasse.

— Não funciona nada. Não há eletricidade, nem telefones, nem água...

— Vimos um avião a cair.

O meu pai assentiu.

— Devem ter caído todos. Quando aquilo nos atingiu, tudo o que havia no céu caiu: caças, helicópteros, transportes de tropas...